



MEMÓRIA DO LUGAR... UM LUGAR DE MEMÓRIA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O MERCADO MUNICIPAL DE ARTESANATO DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA

PLACE'S MEMORY ... A PLACE OF MEMORY: SOCIAL REPRESENTATIONS ON THE MUNICIPAL MARKET OF HANDICRAFTS IN VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA

MEMORIA DEL LUGAR... UN LUGAR DE LA MEMORIA: REPRESENTACIONES SOCIALES SOBRE EL MERCADO MUNICIPAL DE ARTESANÍA DE VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA

Patrícia Godoia Garcia de Souza Teixeira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia
da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGeo/UESB)

E-mail: patriciagodoia@hotmail.com

Débora Paula de Andrade Oliveira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia
da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGeo/UESB)

E-mail: deborapaulageografia@gmail.com

Geisa Flores Mendes

Professora do Programa de Pós-Graduação
em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGeo/UESB)

E-mail: geisauesb@yahoo.com.br

RESUMO:

O intercâmbio entre imagens, narrativas e práticas sociais possibilita a leitura dos sentidos e representações que integram a produção do espaço. O artigo tem o propósito de buscar os significados presentes nos múltiplos olhares sobre o Mercado Municipal de Artesanato de Vitória da Conquista –BA, como lugar que traduz elementos relevantes para a análise da memória do lugar na cidade. Compreende-se que a intersecção teórica da dimensão social da memória e das representações fornece elementos para a análise geográfica, assim, para alcançar os objetivos, a pesquisa contou com as seguintes etapas: aprofundamento teórico das categorias utilizadas, realização e análise de entrevistas com os sujeitos sociais que vivenciam esse espaço, além da pesquisa em fontes documentais e jornalísticas. Buscou-se uma articulação entre diferentes fontes que convergem para a compreensão do Mercado Municipal de Artesanato como lugar de memória marcante nas festividades e nos ritos culturais da cidade em distintas temporalidades.

Palavras-chave: Cidade; lugar; memória; representações sociais.

ABSTRACT:

The exchange between images, narratives and social practices allows a reading of the senses and representations that integrate the production of space. This article has the purpose of searching for the meanings presented in the views on the Municipal Market of Handicrafts of Vitória da Conquista - BA, as a place of memory that translates relevant elements for an analysis of the memory of the place in the city. It is understood that the theoretical intersection of the social dimension of memory and representations provides elements for geographic analysis, that said, in order to achieve the objectives, the research counted on the following steps: theoretical deepening of the categories used, accomplishment and analysis of interviews with the Social Subjects who experience this space, as well as research in documentary and journalistic sources. It was sought an articulation between different sources that converge for an understanding of the Municipal Market of Handicrafts as a place of remarkable memory in the festivities and cultural rites of the city in different temporalities.

Keywords: City; place; memory; social representations.

RESUMEN

El intercambio entre imágenes, narrativas y prácticas sociales permite la lectura de los sentidos y representaciones que integran la producción del espacio. El artículo tiene el propósito de identificar los significados presentes en las múltiples miradas sobre el Mercado Municipal de Artesanía de Vitória da Conquista – BA, un sitio que traduce componentes de relevancia para el análisis de la memoria del lugar en la ciudad. Se comprende que la intersección teórica de la dimensión social de la memoria y de las representaciones ofrece datos para el análisis geográfico, y para alcanzar los objetivos, la investigación se compone de los siguientes momentos: profundización teórica de las categorías utilizadas, ejecución y análisis de encuestas con sujetos que vivencian este espacio, además de investigación en fuentes documentales y periodísticas. Se ha intentado una articulación entre las distintas fuentes convergentes para la comprensión del Mercado Municipal de Artesanía como sitio de memoria notable en las festividades y en los ritos culturales de la ciudad en distintas temporalidades.

Palabras clave: Ciudad; lugar; memoria; representaciones sociales.

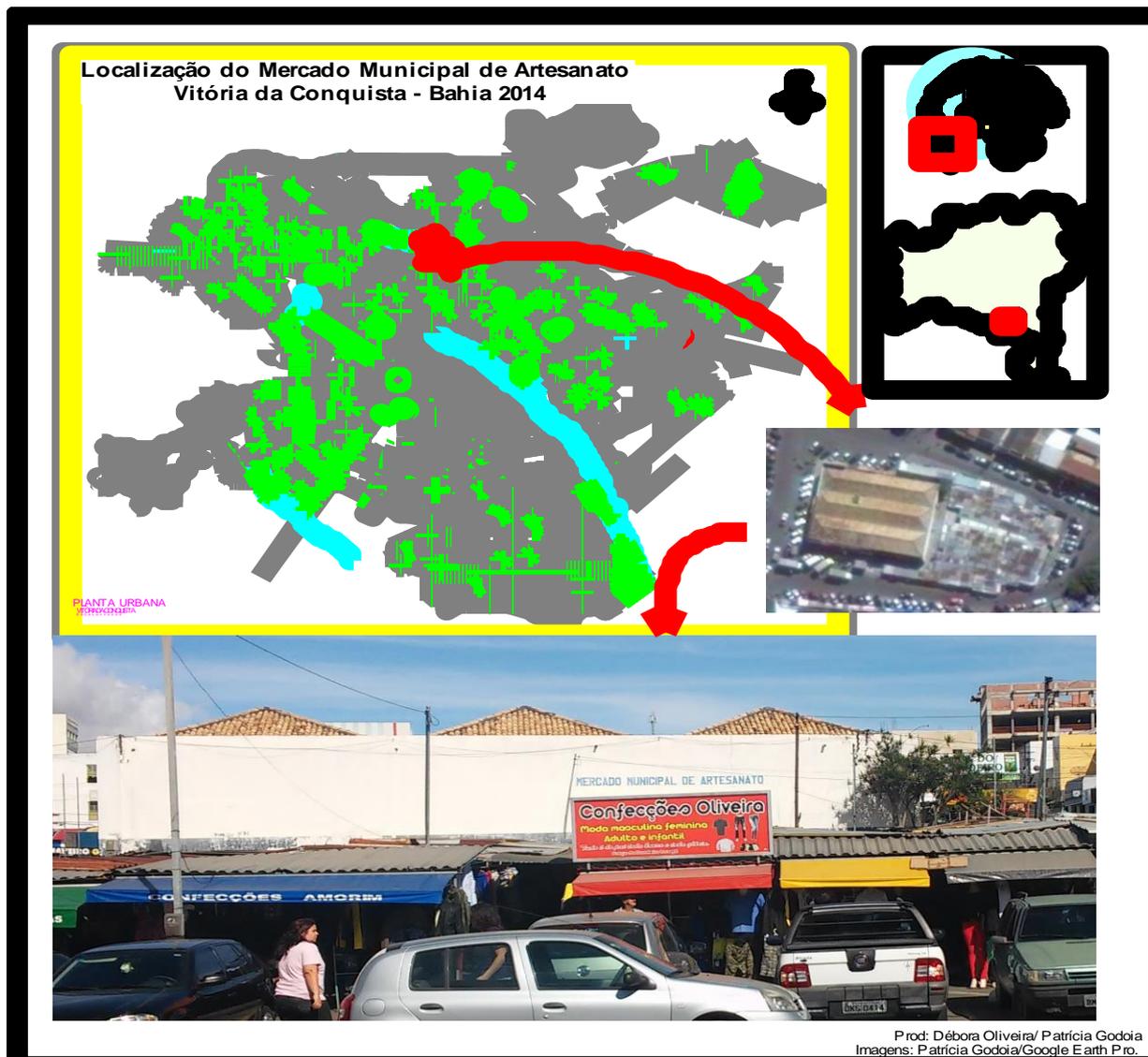
1 INTRODUÇÃO

A dimensão social da memória possibilita reflexões importantes para a análise do processo de (re)produção do espaço geográfico. As recordações das vivências dos sujeitos tornam o lugar pleno de sentidos e representações sociais que marcam a memória do grupo social que o vivenciou/vivencia.

Os discursos e imagens vinculados aos lugares correspondem à valoração de distintos pontos de vista dos sujeitos, pois nas filigranas das memórias o cotidiano emerge como possibilidade de interpretação da realidade socioespacial. É com essa compreensão que o presente artigo busca estabelecer uma fecundação teórica entre os aspectos interdisciplinares da Memória e a Geograficidade do cotidiano dos sujeitos sociais, especialmente, por compreender que “[...] nessa interseção se evidencia com mais clareza o espaço-tempo como modo de ser-estar-do-homem-no-mundo. Portanto, geograficidade” (MOREIRA, 2007, p. 143).

O diálogo entre a memória social e a produção do espaço geográfico suscita a necessidade de abordar as categorias lugar e cidade, pois nestas é possível identificar, de maneira mais próxima, a materialização da memória social.

O estudo discute os significados presentes nos múltiplos olhares sobre o Mercado Municipal de Artesanato de Vitória da Conquista - BA (Figura 1), como lugar de memória que traduz elementos relevantes para a análise da cidade na qual ele se insere. Lugares de memória são aqui entendidos na perspectiva de Nora (1993), pois são espaços que estabelecem laços de continuidade entre o passado e o presente, que seriam tanto lugares materiais como os museus, os arquivos quanto lugares pouco palpáveis ou imateriais como rituais e comemorações.

Figura 1: Localização do Mercado Municipal de Artesanato de Vitória da Conquista – Bahia, 2014

Fonte: Trabalho de campo, 2014

No plano metodológico foram adotados os seguintes procedimentos: a *priori* foi feito um levantamento teórico conceitual de referências que tratam das categorias utilizadas na pesquisa. Em seguida, foram realizadas entrevistas com sujeitos sociais que se relacionam/relacionaram de maneira mais próxima com o lugar em estudo. As narrativas, decorrentes da pesquisa de campo se constituíram em material de análise para o estudo da memória e das representações sociais que estes constroem em relação ao Mercado Municipal de Artesanato. O estudo ora apresentado contou também com a pesquisa em fontes iconográficas e em acervos jornalísticos contemplando jornais publicados entre os anos de 1945 até os dias atuais. A diversidade de fontes contempladas permite explorar, com maior riqueza de detalhes os significados presentes na memória social uma vez que “[...] por trás daquilo que é expresso em palavras, existem lacunas e articulações que permitem



aprender o quanto elas apresentam múltiplos planos significantes, os quais não podem ser compreendidos fora de sua inserção em um contexto sedimentado historicamente (MENDES, 2009, p. 33).

Por intermédio da memória social buscou-se nas percepções e discursos elementos que, de alguma maneira, convergiram para a compreensão das representações sociais acerca do Mercado Municipal de Artesanato com enfoque mais específico nas festividades e ritos culturais.

O artigo buscou evidenciar a pluralidade de sentidos e representações sociais que as festividades e os ritos culturais assumem na memória social que envolve o Mercado Municipal de Artesanato em Vitória da Conquista, considerando a centralidade dessas manifestações culturais na constituição deste lugar.

As pesquisas desenvolvidas sob a perspectiva da memória e das representações sociais permitem a leitura de elementos que transitam nas subjetividades humanas. Desse modo, a relevância desse estudo consistiu na possibilidade de registrar aspectos da memória da cidade que são comumente negligenciados por outros enfoques analíticos e que poderiam se esmaecer nos lapsos da memória social, nos melindres da relação espaço – tempo.

2 MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA LEITURA DO ESPAÇO

As reflexões sobre cidade e memória permitem vislumbrar o espaço urbano sob o prisma analítico das representações sociais. Por esse viés, a cidade é compreendida como um texto a ser lido, experienciado e vivido pelos diversos sujeitos sociais, trata-se do espaço que ao mesmo tempo que produz, é também produzido pelos sujeitos e suas práticas sociais cotidianas.

Massey (2008 p. 15) apresenta a seguinte proposição: “[...] importa o modo como pensamos o espaço”, pois “[...] o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa política”. Assim, a leitura que fazemos do espaço e a forma como o compreendemos reitera a impossibilidade de refletir sobre a sua produção sem considerar a memória e as representações sociais também como constituintes da produção social do espaço.

A partir dessas premissas, é possível compreender o espaço urbano nesse constante fazer-se, uma vez que a cidade é o território real e um espaço de participação mais intenso entre os sujeitos sociais. A cidade “[...] é o espaço no qual, mais diretamente, nos vemos diante do ‘outro’ e, portanto, nos deparamos com múltiplas alteridades, aqui tomadas em suas diversas acepções” (MIRANDA; BLANCH, 2013, p. 63). Esse entendimento instiga a reflexão sobre a multiplicidade

das relações interpessoais, a complexificação das identidades e materialização dos diversos elementos simbólicos que perfilam no cotidiano da cidade.

Nesse viés, Miranda e Blanch (2013) assinalam que a cidade, com seus múltiplos elementos simbólicos é um texto dado a ler, no movimento da construção da identidade e das relações sociais. Um olhar sobre um lugar de memória, por exemplo, em uma cidade, suscita algumas indagações que nos convidam a refletir: Por que se encontra ali? Há quanto tempo? Por que foi mantido? A quais memórias tal lugar remete, portanto, a que sujeitos sociais encontra-se vinculado? O que se encontra silenciado e realçado nas escolhas do lembrar na cidade? Essas interrogações emergem a partir de inquietações sobre as práticas cotidianas que na sua incompletude compõem amálgamas sobre o espaço urbano.

Convém, então, evocar o pensamento de Massey (2008, p. 111) ao ponderar: “[...] Lugares, em vez de serem localizações de coerência, tornam-se os focos do encontro e do não-encontro do previamente não-relacionado e assim essenciais para a geração do novo”. Desse modo, “[...] Chegar a um novo lugar quer dizer associar-se, de alguma forma ligar-se à coleção de histórias entrelaçadas das quais aquele lugar é feito. [...]” (MASSEY, 2008, p. 176).

As relações de pertencimento construídas pelos sujeitos sociais com o lugar evidenciam os conteúdos sociais que se presentificam a partir da dimensão simbólica que o lugar contém. Desse modo, Certeau (2002) traz uma reflexão sobre um novo olhar e interpretação do espaço e das práticas constituídas pelos grupos sociais que ao longo do tempo imprimem transformações que ressignificam os lugares, são os usos e contra-usos desses espaços que vão alterar as suas configurações e possibilitar novos e diversos contornos simbólicos e conteúdos sociais.

A partir dessa compreensão, a cidade, torna-se um *constructo* social concebido, sobretudo, pela percepção dos grupos sociais que se revela sob o olhar dos sujeitos que com ela se relacionam. Com esse viés, na leitura sobre a cidade, Bosi (2003) considera a sua intrínseca relação com a história de vida dos sujeitos, uma vez que é sempre marcada por possibilidades de trajetos que são nossos percursos, destino, trajetória da alma.

Abreu (1998, p. 28) compreende a cidade como referência espacial da memória. De acordo com o autor, “[...] é uma das aderências que ligam indivíduos, famílias e grupos sociais entre si, uma dessas resistências que não permitem que suas memórias fiquem perdidas no tempo, que lhes dão ancoragem no espaço”.

Nesse cenário, Teixeira (2015) considera a ascensão da necessidade de preservar a memória urbana para a consolidação da identidade da cidade, sobretudo dos sujeitos sociais que fazem parte do processo de produção do espaço urbano. Depois de um longo período em que só se cultuava o



que era novo, período que produziu uma agressão constante e sistemática “[...] às heranças vindas de tempos antigos, eis que atualmente o cotidiano urbano brasileiro vê-se invadido por discursos e projetos que pregam a restauração, a preservação ou a revalorização dos mais diversos vestígios do passado” (ABREU, 1998, p.19).

Nesse mesmo viés analítico, Souza e Angelo (2008) instigam a discussão acerca das relações que constroem e modificam a cidade, sempre considerando as singularidades impostas pelo contexto histórico e espacial. Os autores afirmam:

[...] ao pensar uma cidade determinando o espaço e tempo de uma única geração, pode-se inferir que as características daquele ambiente são definidas pelas pessoas que nele habitaram: cada um constrói parte desse espaço à sua maneira, cada lote, casa comercial ou residência diz respeito a seus respectivos usuários (SOUZA; ANGELO, 2008, p. 161).

A partir dessas premissas teóricas, os sujeitos sociais constroem a imagem da cidade de acordo com as percepções que possuem e que estão marcadas na memória social. Experienciar a dinâmica do espaço urbano constitui-se como um movimento que parte do interior do sujeito para a construção de suas representações sobre esse espaço, trata-se de desvendar as singularidades ocultas pelo olhar apressado que o cotidiano urbano impõe. A paisagem urbana revela as peculiaridades que as percepções dos sujeitos delineiam no ir e vir das relações sociais na/da cidade. Nesse sentido, Souza e Angelo compreendem:

[...] o conceito de imagem da cidade adquire contornos mais subjetivos, uma vez que depende da forma como se relaciona com o espaço: a imagem que um usuário tem de sua própria cidade se constrói embasada em sua forma arquitetônica e nas fotografias, desenhos, pinturas e filmes que ele já viu deste e de outros espaços (SOUZA; ANGELO, 2008, p. 164).

Nesse contexto, várias representações sociais são percebidas e construídas pelos sujeitos sociais da cidade, pois a o modo como os sujeitos vivenciam a cidade “[...] é único, já que está relacionada com seu local de vivência, onde trabalha, com os caminhos que percorre e onde decide ir nos dias de lazer” (SOUZA; ANGELO, 2008, p. 168). Com esse entendimento, emerge a diversidade do olhar, pois

[...] apesar de compostas pelos mesmos elementos, cada um construiu sua imagem de maneira diferente, seja no ponto de vista, na leveza ou dureza do traço e até mesmo na maneira em que cada autor se colocou em relação àquilo que escolheram pintar (SOUZA; ANGELO, 2008, p. 168-169).

Ainda na discussão sobre as cidades, Lynch (1997, p. 1) afirma: “[...] cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados”.

Esse processo de produção do espaço urbano revela o movimento contínuo do fazer a cidade em sua constante incompletude. O espaço urbano é repleto de significações e memórias que repercutem na realidade vivenciada pelos sujeitos sociais que participam desse processo e os símbolos presentes nos eventos cotidianos evidenciam as especificidades de cada lugar. É válido recorrer às reflexões de Santos (2008) quando afirma que cada lugar é, à sua maneira, o mundo, uma vez que guarda em si especificidades, contradições e nuances da sua relação com o global. Miranda e Siman (2013) trazem na discussão da cidade, a materialidade da esfera do espaço vivido no plano das relações sociais. De acordo com as autoras,

A cidade ancora a vida de cada um no tempo presente e sua multiplicidade de percepções simultâneas, ademais cidades trazem em si, em cada realidade singular marcas de experiências passadas, em diversas camadas de tempo que se atravessam. [...] A cidade fornece-nos um suporte espacial para a memória das paisagens e dos lugares onde a vida se realiza (2013, p. 16).

Embora o cotidiano da cidade seja marcado pelo trabalho, suas memórias repousam também nas manifestações culturais que afloram nesse espaço. Segundo Teixeira (2015), as recordações dos sujeitos, acerca das festividades e dos ritos culturais constituem-se num tecido fértil para as reflexões pertinentes à dimensão social dos lugares de memória.

A cidade se manifesta como espaço das relações sociais, permeado de sentidos e significados que se constroem na dimensão espaço-temporal. A complexidade das relações entre o espaço, lugar e a memória se materializam no espaço da cidade. Nesse contexto, as análises que envolvem memória e espaço instigam novos horizontes para a pesquisa geográfica, uma vez que é no espaço que se compõe a substância social da memória.

No que tange ao conceito de memória, destaca-se a sua pluralidade de sentidos e usos. A memória social abarca uma multiplicidade de significados e denomina diferentes formas de experiência humana em sociedade. Segundo Gondar (2005), a memória “[...] não nos conduz a reconstituir o passado, mas sim a reconstruí-lo com base nas questões que nos fazemos, que fazemos a ele, questões que dizem mais de nós mesmos, de nossa perspectiva presente, que do frescor dos acontecimentos passados” (GONDAR, 2005, p. 18).

Na reflexão acerca da memória social é imprescindível abordar as contribuições de Halbwachs (1990), que na obra *A Memória Coletiva*, publicada em 1950, estabeleceu o elo entre memória individual e memória coletiva. A memória dos sujeitos sociais se apoia, portanto, na



memória social, uma vez que, segundo o autor, as histórias de vida integram a história dos grupos sociais. De acordo com Halbwachs (1990), a construção da memória coletiva passa pela rememoração das percepções atuais, pois os sujeitos sociais participam tanto da memória social, quanto da memória individual, uma vez que tais dimensões se integram em vínculos inextricáveis.

A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas, já que evolui de acordo com categorias próprias e específicas. No que tange a sua relação com o espaço, Halbwachs (1990) considera que não existe memória social que se desenvolva fora de um quadro espaço-temporal. De acordo com o autor,

O espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, [...] não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que, em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990 [1968], p. 143).

Embora seja imperativo reconhecer a dinâmica ininterrupta da produção do espaço, este mesmo espaço considerado um *constructo* social, paradoxalmente, se configura também num lugar de pertencimento, em que os sujeitos se reconhecem num referencial de espaço que torna possível enraizar-se. No dizer do autor, uma realidade que dura, condição e produto das relações sociais e da experiência/vivência dos sujeitos.

Mendes assinala que “[...] a memória social está, também, incontestavelmente atrelada ao processo de configuração de representações, e estas, inevitavelmente, se articulam intensamente com o território, o lugar” (MENDES, 2009, p. 55). Nessa direção, tanto a memória quanto as representações são fenômenos sociais ininterruptos, uma vez que estão sempre em curso, produzindo sentidos e espacialidades diversas.

É com tal compreensão que Mendes (2009, p. 55-56) ressalta que “[...] a memória coletiva é constituída de múltiplas representações que se articulam entre si, que têm um movimento contínuo sobre solicitações do contexto presente e da incorporação de novas representações”. Nesse caso, a memória, não seria entendida somente como depositária dessas representações, mas como constituída por elas.

Dessa forma, compreende-se que a configuração dos saberes e interpretações sobre o espaço acontecem na interação contínua entre cisões e permanências na memória social. Segundo Holzer (2000, p. 111) “[...] Qualquer trabalho que se refira à espacialidade humana deve referir-se à memória”. Com esse entendimento, o autor enfatiza:

Se considerarmos que os indivíduos e as culturas apropriam-se dos espaços naturais, constituindo-os em artefatos a partir de suas intenções e de suas ações, a memória e a transmissão parcial das experiências prévias torna-se fundamental para a compreensão dessas ações (HOLZER, 2000, p. 111).

Convém, então, compreender as tessituras espaciais como construções vinculadas também aos movimentos da memória e das representações. Construções essas que, por intermédio de complexas articulações de forças e interesses sociais, estão envolvidas em tramas de recordações e esquecimentos em que sujeitos historicamente situados, criam e recriam, reafirmam e ressignificam suas concepções, tradições e sentidos atribuídos ao espaço.

O elo entre a memória e as representações sociais implica em associar essas categorias a outras dimensões que compõe a tessitura dos processos sociais, como a cultura, os símbolos, as crenças e visão de mundo peculiares a cada sociedade. Sobre esse aspecto, Claval (1999, p. 86) sinaliza que “[...] sem elas [as representações] não se compreende nunca como as coisas são concebidas e quais significados elas têm na vida dos homens”, pois são, inapelavelmente, constituintes do cotidiano social.

No aprofundamento teórico acerca das representações é imperativo abordar as reflexões de Moscovici, que em meados da década de 1960 inaugura essa discussão no âmbito da psicologia social. Na concepção desse autor,

As representações sociais são entidades, quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano. A maioria das relações sociais estabelecidas, os objetos produzidos ou consumidos, as comunicações trocadas, delas estão impregnadas (MOSCOVICI, 1978, p. 41).

É importante compreender e desmitificar o antagonismo entre o mundo real e o mundo das representações. Trata-se da necessidade de superação de falsos debates entre a dicotomia objetividade e subjetividade, uma vez que a realidade é una, e as explicativas sobre ela são estabelecidas por sujeitos sociais, permeados de história, interesses e sonhos. Em outras palavras, seria inglório dissociar a dimensão do prático-sensível da esfera do percebido e concebido.

Pensar a leitura do espaço geográfico, pelo viés da memória, conduz a relacioná-la a uma experiência direta com o local. Todavia, considera-se a possibilidade de experiências indiretas que permitem a inserção da subjetividade na relação com o lugar e o espaço vivido. Nessa dinâmica, a pretensão analítica é evidenciar as representações dos sujeitos na sua relação com os lugares de memória.

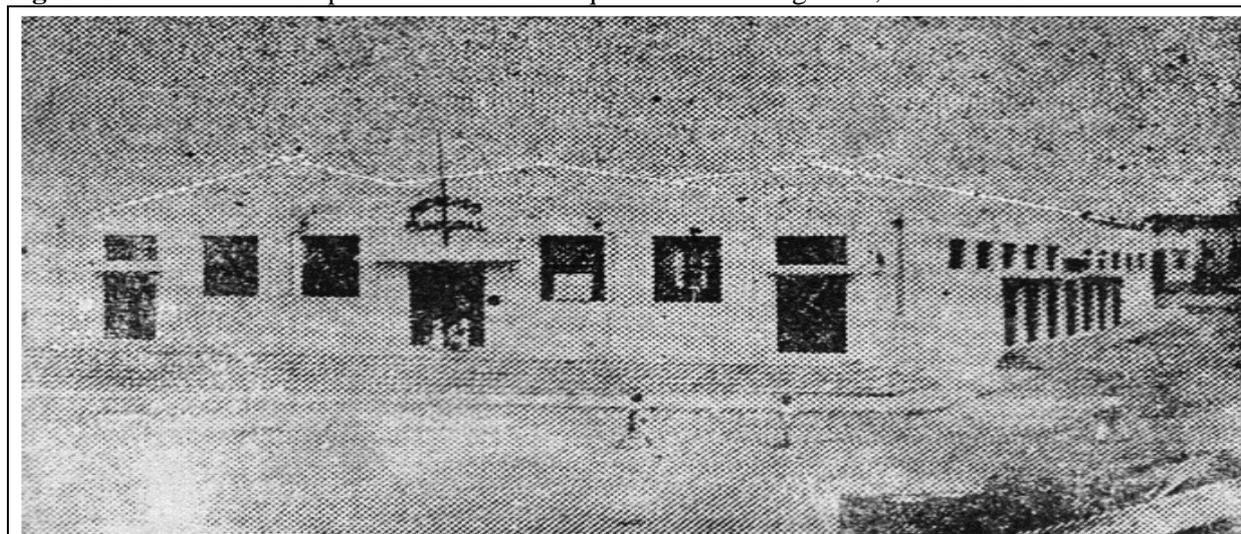


3 MEMÓRIAS, FESTIVIDADES E RITOS CULTURAIS: SENTIDOS E REPRESENTAÇÕES SOBRE O MERCADO MUNICIPAL DE ARTESANATO DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

A leitura do cotidiano dos sujeitos sociais se confunde com a da cidade, tornando a compreensão do espaço urbano mais dinâmica e rica em possibilidades analíticas. Assim, as recordações acerca das festividades e dos ritos culturais vivenciados no Mercado Municipal de Artesanato de Vitória da Conquista constituem-se num tecido fértil para as reflexões pertinentes à dimensão social dos lugares de memória e de representações. Sobre essa discussão, Mendes e Almeida (2008, p. 35) destacam: “[...] as representações não podem ser entendidas fora de uma dimensão de alteridade, de uma teia de relações entre os indivíduos na sociedade da qual fazem parte”.

As discussões em torno da edificação do Mercado Municipal em Vitória da Conquista - BA culminaram na sua construção e inauguração na Praça da Bandeira, na década de 1950. A arquitetura de estilo neoclássico contituiu-se como um marco na configuração urbana e paisagística da cidade. Quando questionado se o Mercado Municipal de Artesanato é importante para a cidade, um entrevistado destaca a beleza arquitetônica do edifício e sobre essa aspecto ele afirma: “Sim, pelo valor histórico, pelo valor arquitetônico, pela perspectiva de um resgate da memória de Conquista” (Entrevista realizada em junho de 2014)¹. A Figura 2 apresenta o Mercado Municipal, recém-inaugurado no início da década de 1950.

Figura 2: Mercado Municipal de Vitória da Conquista recém-inaugurado, década de 1950



Fonte: Site Taberna da História. Disponível em: <<http://tabernadahistoriavc.blogspot.com.br/>>
Acesso em junho de 2015

¹ Em termos metodológicos optou-se pela não identificação nominal dos sujeitos sociais entrevistados, pois tal procedimento possibilita mais liberdade e fluidez nas entrevistas.

Apesar do tom esmaecido, por se tratar de uma fotografia antiga, a leitura das imagens auxilia na compreensão de realidades socioespaciais pretéritas, que se presentificam no cotidiano dos sujeitos sociais que se relacionam com o lugar. De acordo com Halbwachs (1990), as imagens espaciais desempenham um papel fundamental na memória coletiva. O autor afirma que assim como o lugar recebe as marcas do grupo social, este também é marcado pela influência do lugar. Nesse ir e vir, todas as ações dos coletivos sociais traduzem-se em rebatimentos espaciais. Mendes (2004, p. 54) compreende que o “[...] espaço é crucial para a memória coletiva”.

As velhas fotografias em preto e branco são coloridas pelo tom da saudade e da memória dos sujeitos sociais envolvidos no processo de produção do espaço. Memória do lugar ou do tempo, tempos distantes, espaço próximo, que muitas vezes é apagado pelo cotidiano apressado da cidade. A narrativa apresentada a seguir demonstra as representações de um entrevistado em relação ao Mercado Municipal de Artesanato de Vitória da Conquista:

Percebi que antes o Mercado de Artesanato tinha mais destaque na cidade, ele era mais evidenciado, hoje ele está meio oculto, lá dentro tem um teatro que é pouco utilizado você não vê na mídia dando um destaque de algo que se fez lá. Está faltando isso. **Percebo que o mercado foi se apagando.** (Entrevista realizada em maio de 2014, grifo nosso).

O tom de emoção que marca essa narrativa é revelador da saudade de um tempo em que o Mercado Municipal de Artesanato de Vitória da Conquista tinha mais representatividade no cenário urbano conquistense. A leitura das recordações dos sujeitos desafia a compreender, sob o viés do *constructo* social da memória, o emaranhado de relações e significados em torno do Mercado Municipal de Artesanato. Nesse sentido, as narrativas dos sujeitos sociais são reveladoras das vivências que foram significativas nas suas histórias de vida. Os entrevistados evidenciam constantemente a utilização do espaço da Praça da Bandeira e do Mercado para comemorar os festejos carnavalescos na década de 1980, conforme pode ser observado na Figura 3:



Figura 3: Festejos carnavalescos, Praça da Bandeira, 1985.



Fonte: Acervo iconográfico do Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, 2015.

Como se pode observar na Figura 3, as grandes festas da cidade eram realizadas na Praça da Bandeira e nas escadarias do Mercado Público de Vitória da Conquista. Além disso, de acordo com os entrevistados, os comícios nas décadas de 1970 e 1980 também eram realizados nesse espaço e eram vistos pela população conquistense como eventos grandiosos. Uma entrevistada assim relata:

Eu lembro de muitos comícios... Comícios históricos decisivos eram realizados na Praça da Bandeira e os políticos falavam da parte de cima das escadarias, da plataforma superior, e as pessoas, prováveis eleitores, ficavam na parte de baixo. Eram comícios históricos que marcaram a década de setenta, eram fantásticos. Acho que isso nós perdemos, principalmente a parte da cultura, os reisados os carnavais que aconteciam do lado de fora do Mercado, na Praça da Bandeira (Entrevista realizada em fevereiro de 2015).

Os festejos, os eventos, as paisagens da cidade revelam a diversidade de tempos e culturas de determinada sociedade. As práticas culturais tornam-se registros da memória do lugar, e, sobretudo, das pessoas que vivenciam esse lugar. Nessa perspectiva, é imprescindível reconhecer que não há espaço geográfico sem uma sociedade que historicamente o produza, tanto no seu sentido material quanto simbólico, uma vez que, [...] “O espaço não preexiste a uma sociedade que o encarna” (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 25). As relações socioespaciais são intrínsecas às diversas formas de sociabilidade humana e, sem desprezar, de maneira nenhuma, a importância das dimensões mais objetivas, a abordagem da pesquisa permite realçar os aspectos voltados para os elementos subjetivos e simbólicos que marcam a cidade.

Os ritos culturais integram, também, a identidade social da cidade. Seus emblemas e simbologias refletem a história e reforçam o sentimento de pertencer ao lugar, fortalecendo um vínculo cada vez mais evidente entre os sujeitos e o espaço vivido. Nesse viés, a leitura geográfica dos ritos contribui para a análise das representações sociais que permitem os olhares mais plurais, as relações e apropriações do espaço geográfico.

Além de terem sido registrados pelas fontes jornalísticas da época, os ritos culturais realizados na Praça da Bandeira e no Mercado Municipal de Artesanato estão presentes também na memória social. Uma entrevista realizada em 2014 traz um relato significativo, dos ritos culturais que aconteciam no local:

Eu me lembro que os ternos de reis eram apresentados na parte superior da escadaria, eles subiam as escadarias e se apresentavam na parte superior. As pessoas ficavam assistindo na parte de baixo da praça. [...] (Entrevista realizada em maio de 2014).

O relato desse entrevistado constitui-se em um registro de um fato histórico pouco documentado nas fontes escritas. Ele aborda os prejuízos da cidade pela perda desse núcleo cultural tão relevante para a sociedade conquistense, em meados do século XX. Desse modo, a memória: “[...] tem o poder de identificar o grupo, conferir-lhe uma identidade peculiar, proporcionar sentido ao seu passado, dar coerência ao seu presente e definir as suas aspirações futuras” (MENDES, 2009, p. 53).

Na memória dos sujeitos entrevistados, as escadarias do Mercado Municipal de Artesanato, que hoje se resumem a degraus e vias de acesso, outrora foram palco de grandes festejos, comícios, reisados, comemorações cívicas e missas religiosas. São usos e conteúdos distintos do espaço, experienciado e lido sob temporalidades diversas.

A memória dos sujeitos sociais reconstrói a história do lugar, o que é essencial na compreensão da memória da cidade. O registro da memória, por intermédio da narrativa, nos permite tecer, com os alinhavos das recordações dos sujeitos, a complexa teia dos sentidos da experiência humana sobre o Mercado Municipal de Artesanato.

No processo de análise das narrativas, a produção dos sentidos e simbologias se apresenta de forma conflituosa e diversa, e nos instiga a olhar a multiplicidade de sentidos e representações. A pesquisa em memória consiste em buscar nas resistências, elementos que nos possibilitam a apreensão de determinadas representações.

A valorização dos lugares de memória é condição *sine qua nom* para a consolidação da Memória social de determinado grupo ou espaço, pois “[...] a construção da memória coletiva passa



necessariamente pela rememoração das percepções no contexto atual” (OLIVEIRA et al. 2014, p. 446). As confrontações das memórias de diferentes sujeitos sociais reconstróem um passado coletivo e possibilitam o reconhecimento de determinados símbolos e significados, que os identificam como grupo social que vivenciam/vivenciaram o cotidiano de um lugar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória e as representações sociais oferecem balizas teóricas relevantes para a compreensão da produção do espaço, sobretudo na perspectiva do lugar vivenciado pelos sujeitos sociais. A leitura das distintas realidades, sob tal perspectiva de análise, torna-se um processo complexo e delicado, mas, sobretudo, instigante e significativo.

A partir do entrecruzamento de diversas fontes foi possível tecer a complexa teia de significados que permeia a memória e as representações sociais sobre os ritos culturais e as festividades que aconteceram no Mercado Municipal de Artesanato de Vitória da Conquista. A memória ultrapassa o simples ato de recordar, trata-se de um processo complexo, em que devem ser consideradas as múltiplas representações, significados e sentidos que se configuram na percepção dos sujeitos da pesquisa.

Para a compreensão da dimensão social que a memória assume foi imprescindível garimpar a memória do lugar por meio dos discursos e das representações sociais, o que possibilitou conhecer, por múltiplos olhares, a história da cidade de Vitória da Conquista.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. Sobre a memória das cidades. In: **Revista da Faculdade de Letras**: Rio de Janeiro, 1998.

ALBUQUERQUE JR. D. M. de. **Por uma leitura “safada” de E. P. Thompson**. Natal, 2006. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/durval>>. Acesso em: junho de 2016.

ALMEIDA, M. G. VARGAS, M. A. M. MENDES, G. F. Territórios, Paisagens e Representações: um diálogo em construção. In: **Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. 23-35, mai./ago. 2011.

BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. In: **Estudos Avançados**, vol. 17, n. 47, pp. 198-211, 2003

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CLAVAL, P. A Geografia Cultural: o estado da arte. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Manifestações da cultura do espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.



FEIRAS de Conquista. **O Conquistense**, Vitória da Conquista, ano 1, n. 25, p. 1, 16 jun. 1956.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. (Org.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

HALBWACHS, M.A **Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLZER, W. Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo. **GEOgraphia**. Niterói, ano 2, n. 3, p. 111-122. 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/32/30>>. Acesso em: novembro de 2016.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENDES, G. F.; ALMEIDA, M. G. **Memória, símbolos e representações na configuração socioespacial do Sertão da Ressaca – Bahia**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13, 2008.

MENDES, Geisa Flores. **Luzes do Saber aos sertões: memória e representações da Escola Normal de Vitória da Conquista**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2004.

MENDES, Geisa Flores. Sertão se traz na alma? Território/lugar, memória e representações sociais. **Tese de Doutorado**. UFS: São Cristóvão, 2009.

MIRANDA, S. R.; SIMAN, L. M. C. A Cidade como espaço limiar: sobre a experiência urbana e sua condição educativa, em caminhos de investigação. In: MIRANDA, S. R.; SIMAN, L. M. C. (Org.). **Cidade, memória e educação**. Editora UFJF: Juiz de Fora, 2013.

MIRANDA, S. R.; BLANCH, J. P. Cidade, Memória e Educação: conceitos para provocar sentidos no vivido. In: MIRANDA, S. R.; SIMAN, L. M. C (Org.). **Cidade, memória e educação**. Editora UFJF: Juiz de Fora, 2013.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. In: **Revista etc**, espaço, tempo e crítica Revista Eletrônica de Ciências Humanas e Sociais e outras coisas. N° 1(3), vol. 1, 2007. Disponível em <http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_1_3.pdf> Acesso em: setembro de 2016.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. [1961].

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: Educ, n. 10, p. 7-28. 1993.

O DIA da Bandeira. **O Combate**, Conquista, 22 de novembro de 1953.

OLIVEIRA, D. P. A; COSTA, L. S; SILVA, N. S; TEIXEIRA, S. G. G. P. **Memória social e formação docente: representações sobre o ser professor de Geografia**. Anais do 1º SIMGEO. Alfenas: UNIFAL, 2014.



O MERCADO Municipal de Artesanato. **O Combate**, Conquista, 22 de julho de 1949.

PREFEITURA Municipal de Vitória da Conquista. **O Combate**, Conquista, 30 de dezembro de 1949.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: Técnicas e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SOUZA , L. A. S; ANGELO, R .B. **Cidades (in)visíveis: imagens, caminhos, fotografias e representações**. Discursos fotográficos, Londrina, v. 4, n. 5, p. 159-178, jul./dez. 2008.

TEIXEIRA, P. G. G. S. **Revisitar a memória, pensar o lugar: um olhar geográfico sobre as representações sociais dos 60 anos do Mercado Municipal de Artesanato em Vitória da Conquista - BA**. (Monografia de Graduação) UESB: Vitória da Conquista, 2015.

Recebido em 13 de dezembro de 2016
Aprovado em 19 de abril de 2017